

## **TERRA DO RIO, TERRA DA GENTE: AGRICULTURA DE VAZANTE NO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO – JANUÁRIA (MINAS GERAIS)**

**Sidivan A. Resende<sup>1</sup> – CEIVA**  
sidivanresende@hotmail.com

**Fredson Cabral<sup>2</sup> – CEIVA**  
gojanuária@gmail.com

Plantar em várzeas fluviais é uma atividade quase tão antiga quanto a própria invenção da agricultura pelo homem. Estas áreas de vazante são escolhidas para serem cultivadas por vários motivos: por serem altamente férteis e de fácil cultivo; em regiões áridas ou semi-áridas por possibilitarem a irrigação; ou ainda pela facilidade de complementação alimentar oferecida pela pesca. Heródoto em viagem ao Egito, ao descrever esta região e as relações de seu povo com o rio Nilo, comenta que,

“[...] não existe atualmente no resto do Egito nem no mundo inteiro ninguém que realize sua colheita com menos trabalho. Os habitantes desta região não são obrigados a abrir com a charrua trabalhosos sulcos, a quebrar torrões e a preparar a terra como fazem em outras partes. Quando o rio rega por si mesmo os campos e as águas se retiram, eles ali abandonam seus porcos e semeiam o terreno; e, deixando aos animais o trabalho de afundar as sementes, esperam tranquilamente a época da messe” (HERÓDOTO, 2004, p.193).

A ocupação e utilização das margens do rio São Francisco remonta a períodos anteriores à colonização portuguesa. Ao longo de séculos a dinâmica natural deste rio sempre foi um marco regulador da vida ribeirinha. Os períodos de cheia e de vazante orientavam o calendário das pessoas que viviam no vale. Assim, tanto as atividades produtivas quanto as relações sociais e manifestações culturais eram influenciadas por esta dinâmica de cheias e vazantes: a agricultura, a pesca, a navegação. Outrora era o tempo da natureza, o ciclo do rio, e não o tempo mecânico, que condicionava o calendário da produção ribeirinha e, por conseguinte, condicionava sua sobrevivência (RIEPEP, 2005).

Da década de 1950 até o momento atual a dinâmica natural do rio São Francisco vem sendo drasticamente transformada, alterando também as formas de relacionamento entre os ribeirinhos e a natureza. A construção de hidrelétricas e seus grandes reservatórios foram os principais responsáveis por estas mudanças (NACIMENTO; ANDRADE NETO, 2004). No entanto, a degradação de suas nascentes, principalmente pela agricultura comercial desenvolvida nos estados de Minas Gerais e Bahia; os grandes projetos de irrigação (Projeto Jaíba, por exemplo) e atualmente o próprio projeto de Transposição fomentado pelo governo federal, contribuem para estas transformações.

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor do Curso de Geografia do Centro de Educação Integrada do Vale do São Francisco (CEIVA) – Januária (MG).

<sup>2</sup> Graduando do 4º período do Curso de Geografia do Centro de Educação Integrada do Vale do São Francisco (CEIVA) – Januária (MG).

A agricultura de vazante praticada nas terras inundadas pelo rio São Francisco, desapareceu em alguns trechos do rio. Nas áreas inundadas pelos reservatórios das hidrelétricas e nas áreas a jusante destas, que não mais têm este ciclo de cheias e vazantes regulado, esta atividade desapareceu (VARGAS, 1999).

As populações ribeirinhas que moram nas proximidades do município de Januária, no norte de Minas Gerais, não sofreram tanto com estas intervenções, pois a montante desta cidade foi construída apenas uma barragem – a de Três Marias – distando mais de 500 km. Neste perímetro entre a referida barragem e Januária, deságuam grandes afluentes do rio São Francisco que ainda garantem, mesmo que de forma atenuada, o ciclo das cheias e vazantes. Este ciclo do rio garante que as terras inundadas sejam intensamente fertilizadas com os materiais trazidos pelo rio (matéria orgânica e argila). A foto abaixo mostra as áreas de vazante inundadas pelo rio em seu período de cheia.



A agricultura de vazante nas proximidades de Januária ainda é uma prática muito comum. No barranco do rio, nas praias e lameiros que se formam com a vazante do rio pode-se observar uma agricultura tradicional que se aproveita das férteis terras do vale. Pequenas lavouras de feijão, melancia, mandioca, milho, são muito comuns, mesmo nas proximidades da cidade.

O texto que se segue é resultado de uma pesquisa inconclusa sobre a economia ribeirinha no vale do rio São Francisco, sobretudo a pesca, a navegação e a agricultura. Com efeito, este trabalho tem como **objetivos** conhecer e caracterizar a agricultura de vazante no município de Januária, dispensando atenção especial para as relações de posse e propriedade da terra, objetivos e destino da produção, bem como os problemas e perspectivas vividos pelos "vazanteiros" na atualidade.

### **A agricultura de vazante no contexto januarense**

Januária é um município localizado no norte de Minas Gerais, na margem esquerda do rio São Francisco, região conhecida como médio curso deste rio. Localidade com mais de trezentos anos de

história – escrita – teve seu povoamento realizado pela sanha de bandeirantes paulistas que adentraram a região para prear índios e dizimar quilombos; e também, pela expansão da atividade de criação de gado por fazendeiros vindos do nordeste subindo as margens do rio São Francisco, motivo pelo qual este rio também ficou conhecido como “o rio dos currais”.

À época do auge da navegação a vapor no rio, Januária foi o principal porto e entreposto comercial da região do médio São Francisco. Sua importância nesta época pode ser atestada por relatos de célebres naturalistas que passaram por esta cidade no século XIX, como por exemplo Saint-Hilaire e Richard Burton. Com a implantação do “rodoviarismo” como modelo de transporte a partir dos anos 1950 com o governo de Juscelino Kubitschek, a navegação entra em crise, e, por conseguinte, cidades que tinham sua função e vitalidade ligada a esta atividade passam a declinar. Desta forma, Januária perde sua hegemonia enquanto pólo regional para o município de Montes Claros.

Com uma população de aproximadamente 63 mil habitantes, sendo quase 36 mil morando na sede do município (IBGE, 2000), a cidade abriga vários órgãos públicos federais e estaduais, e é prestador regional de vários serviços (bancários, educacionais e de saúde), sendo desta forma um dos pólos micro-regionais da rede urbana do norte de Minas Gerais (PEREIRA; SOARES, 2004). Atualmente, Januária também se destaca como uma região produtora de cachaça artesanal de alta qualidade.

**A área de pesquisa: delimitação e caracterização** – a atividade “vazanteira” rio São Francisco (RSF) antigamente ocorria em quase todo o vale. Mas, como salientado acima essa atividade desapareceu em muitas partes do rio. Na região do médio curso deste rio, geomorfologicamente conhecida como depressão sãofransiscana, a agricultura de vazante ainda se desenvolve intensamente. Entre a barragem da usina hidrelétrica de Três Marias e lago da usina hidrelétrica de Sobradinho, é uma atividade ainda comum às margens do Grande Rio.

Desta forma, dado à escassez de tempo e recursos financeiros, para que pudéssemos desenvolver uma pesquisa mais aprofundada escolhemos uma área contígua à cidade de Januária. Como pode ser observado na figura abaixo trata-se de uma área entre a calha principal do RSF e um canal secundário que, em boa parte do ano, corre bem próximo ao cais da cidade. Assim, entre os meses de novembro e abril boa parte destas terras ficam inundadas. Sendo que o “ano agrícola” vazanteiro se inicia quando as águas vazam e vai até o período da próxima cheia.

Os solos da agricultura de vazante são solos aluviais, altamente férteis possuindo boas condições edáficas. A área de pesquisa está inserida numa região de clima tropical marcado por altas temperaturas e índices pluviométricos consideráveis, apesar de serem mal distribuídos. Na região registram-se precipitação entre 800 e 1100mm anuais.

Como pode ser observado na figura abaixo delimitamos uma área próxima à cidade balizada por canais secundários do RSF. O tracejado (vermelho) em frente à cidade representa a divisão das “propriedades” existentes na área. As formas circulares representam as moradias implantadas em alguns dos lotes,



Em relação à **metodologia**, utilizamos nesta pesquisa além de levantamento bibliográfico e discussões teórico-conceituais, os trabalhos de campo (realizados por meios de observação, entrevistas, fotografias e mapeamentos das áreas utilizadas e utilizáveis pelos vazanteiros). Para nos guiar pelo rio em busca das áreas objeto de estudo nos valem de cartas topográficas, imagens de satélite e o mais importante, conversas com pescadores e com os próprios vazanteiros. Utilizamos ainda o GPS e softwares para o mapeamento e georreferenciamento da área de pesquisa.

Sendo a agricultura de vazante uma atividade tradicional, fomentada principalmente por pequenos agricultores por meio do trabalho da família, adotamos como principal **referencial teórico** o trabalho de Lamarche (1998) sobre os aspectos práticos e teóricos da *agricultura familiar*. Segundo este autor a agricultura familiar “corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família” (LAMARCHE, 1998, p.15).

Outra consideração feita pelo autor é a diferenciação a ser feita com relação ao processo de produção do tipo camponês. Este tipo de exploração também se fundamenta no tripé propriedade-trabalho-família, no entanto, esta produção é voltada, principalmente para o autoconsumo; o objetivo da exploração é a produção de valor de uso e não de valor de troca; além disso, caracteriza-se como um sistema econômico relativamente autárquico.

Neste contexto, algumas considerações precisam ser feitas ao relacionarmos esta teoria com a realidade dos vazanteiros estudados. Na área de pesquisa pode-se encontrar realidades muito complexas e diversificadas, indo desde unidades de produção tipicamente camponesas (trabalho totalmente familiar, auto-subsistência e pouca ou nenhuma ligação com os sistemas de mercado) até unidades de produção modernizadas e com amplas ligações com o mercado local.

Outras contribuições teóricas utilizadas relacionam-se às discussões sobre as relações campo-cidade no mundo contemporâneo. Ao escolhermos uma área de pesquisa contígua ao espaço urbano januarense estas relações precisam se consideradas. Nesse sentido, as discussões sobre pluriatividade ou multifuncionalidade também nos auxiliam a entender este objeto de estudo, tendo em vista que na área estudada não encontramos nenhum agricultor que se ocupasse unicamente de amansar a terra.

Com relação aos **resultados da pesquisa**, segue abaixo algumas considerações sobre as questões arroladas nos objetivos desta, ou seja, sobre os sistemas de posse e propriedade da terra, sobre os objetivos e destinos da produção vazanteira, bem como, os problemas e as perspectivas desta na atualidade. No entanto, faz-se necessário que se esclareça como se desenvolve esta atividade.

**Características da produção e comercialização** – Aziz Ab’Saber ao se referir aos agricultores de vazante do rio Jaguaribe no Ceará comenta que estes “são heróis do sertão, responsáveis pelo abastecimento das feiras do interior. No caso de Januária, apesar da agricultura de vazante ter grande importância no abastecimento e segurança alimentar da família vazanteira, atualmente, sua produção é pequena sendo que somente uma pequena parte dela é comercializada no mercado local. Atualmente, parte considerável dos produtos de primeira necessidade de origem agropecuária comercializados em Januária são trazidos da Ceasa de Belo Horizonte (distante 600 km), de Montes Claros (distante 160 km) ou ainda da área do projeto de irrigação Jaíba.

A agricultura de vazante no município de Januária ainda é uma atividade que apesar de ser praticada em sistema de cultivo tradicional e possuir baixo nível tecnológico, em alguns casos constatamos certa intensificação da produção por meio da utilização de máquinas para o preparo da terra. No entanto, as técnicas mais comuns são tradicionais, sendo que a limpeza do terreno é feita manualmente e por meio de queimadas. A foto abaixo mostra uma típica casa de ribeirinhos do RSF, bem como do terreno limpo por meio do fogo e ao fundo a cidade de Januária.



A produção é destinada, principalmente, para a subsistência das famílias ribeirinhas, apesar de na feira local se encontrar muitos dos seus produtos. As principais culturas observadas na área são: mandioca, milho, feijão, quiabo e melancia, além de alguns casos onde se cultivam hortas domésticas e criação de pequenos animais (galinhas e cabras). Observando o mapa da área de pesquisa, apresentado acima, note que a região à direita não possui moradias. Estas terras só são utilizadas com cultivos alimentares na época das chuvas, logo após o início da vazante, sendo que no restante do ano servem apenas como pastagem para eqüinos e muares.

Esta questão da moradia é interessante. As poucas casas existentes na área de pesquisa podem ou não ser fixas. Elas estão localizadas nas partes mais altas da ilha, e assim dependendo, da intensidade da cheia os moradores têm que se retirar, nestes casos, segundo eles mesmos nos informam, abrigam-se em casas de parentes que moram na cidade.

Com relação à mão-de-obra, esta atividade é caracterizada pelo trabalho familiar, havendo uma divisão de tarefas entre homens e mulheres. Os primeiros são responsáveis principalmente pelo preparo e plantio da terra, e parte da atividade de colheita. Enquanto as mulheres ajudam na colheita e são as principais responsáveis pela comercialização do eventual excedente da produção na feira. Além, é claro, de cuidarem das tarefas domésticas. A agricultura de vazante, geralmente, é uma atividade desenvolvida em tempo parcial, sendo que o vazanteiro, muitas vezes é também pescador e comerciante de sua própria produção.

**O sistema de propriedade e posse da terra** – Com relação à posse e propriedade da terra, esta última não existe formalmente, visto que, legalmente ela é uma área da União, além de ser uma área de preservação permanente, de conservação obrigatória. Já quanto à posse da terra, como afirmam os próprios ribeirinhos, na época de cheias "essas terras são do rio". Na época de vazante a situação da posse é curiosa. Em áreas consolidadas, onde tradicionalmente se forma uma vazante, uma praia ou lameiro a posse é da pessoa ou família que já utiliza esta área há muitos anos, sendo sua transmissão regulada por laços de parentesco ou até mesmo por contratos de compra e venda do direito de uso.

No entanto, em áreas novas que estão começando a se formar, de dois ou três anos mais ou menos, e que ainda não se tem certeza de sua consolidação como uma área de vazante, a posse é da pessoa que nela instalar alguns usos e benfeitorias. Observando-se a figura referente à área de pesquisa pode-se perceber o quanto é diversificada as formas e os tamanhos dos lotes, havendo, todavia, predominância de pequenas propriedades. A maior área encontrada tem quase 04 hectares, enquanto a menor tem 250 m<sup>2</sup>.

Considerando que a estrutura agrária brasileira é uma das mais concentradas do mundo, na região norte de Minas Gerais esta realidade não poderia ser diferente. Constata-se nesta região índices alarmantes de concentração de terra. Neste contexto, a busca de um pequeno pedaço de terra para plantar e subsistir, por meio da criação de posses é uma ação, que segundo Guimarães (1977, p.113), representa uma arma estratégica de maior alcance e maior eficácia na batalha contra o monopólio da terra.



Com relação à questão ambiental a agricultura de vazante, dependendo do manejo pode ser uma atividade degradante. Em alguns casos, as áreas utilizadas requerem a supressão de vegetação natural, o que pode provocar a desestruturação do barranco e seu conseqüente desabamento, contribuindo para o assoreamento do rio. No entanto, muitas áreas de vazante não possuem qualquer tipo de vegetação. Esta agricultura pouco contribui para a contaminação do rio, visto que quase não se utiliza de insumos químicos.

Na visão dos vazanteiros, sua atividade não tem futuro promissor, visto que são pressionados de várias formas a abandonar a atividade. Um das formas de pressão refere-se à decadência da pesca, que é uma atividade que garante a subsistência do vazanteiro em termos de acesso a proteínas e renda. Segundo dados do IEF (Instituto Estadual de Florestas), escritório regional de Januária, na década de 1970 cada pescador profissional conseguia até 23 kg de pescado por dia. Atualmente, esta cifra não passa dos 03 kg por dia. Outros problemas, como degradação do rio, marcada por uma diminuição de sua vazão e a irregularidade dos ciclos de cheia e vazante, também contribuem para o desestímulo da atividade vazanteira. A vigilância e o controle por parte dos órgãos ambientais também é apontada como formas de pressão sobre a atividade.

Na busca de melhores condições de trabalho e representação política os vazanteiros se articulam por meio de uma associação. No entanto, percebe-se a partir da fala de alguns entrevistados, que há um descrédito com relação à importância da associação.

## REFERÊNCIAS

BURTON, Richard F. **Viagem de canoa de Sabará ao Atlântico**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977.

EMBRAPA/CPATSA. **Agricultura de vazante**: opção de cultivo para o período seco. Disponível em <[www.cpat.br/noticias](http://www.cpat.br/noticias)>. Capturado em 05/03/2005.

HERÓDOTO. Livro II: Euterpe. In: \_\_\_\_\_. **História**. São Paulo: Ediouro, 2004, p.185-314.

MARQUEZ, Marta I.M. Que rural é este? uma reflexão sobre o significado do rural na sociedade capitalista. ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13, 2002, João Pessoa, **Contribuições Científicas**. João Pessoa: AGB, 2002, (CD ROM).

MENDONÇA, Francisco. Geografia sócioambiental. **Terra livre**. São Paulo. n.16, p.113-132, Jan.-Jul. 2001.

NASCIMENTO, M.M.P. do.; ANDRADE NETO, J.C.X. de. **Transformações na estrutura agrária do município de Itacuruba (PE) após a construção da barragem de Itaparica**. CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6, Goiânia, 2004.

PEREIRA, Anete M.; SOARES, Beatriz R. Cidades norte mineiras: entre o rural e o urbano. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 3, 2004, Uberlândia. **Anais**. Uberlândia: IG/ UFU, 2004.

RIEGER, Ana. **A economia ribeirinha e os tempos da natureza**. Disponível em <[www.canoadetolda.org.br](http://www.canoadetolda.org.br)>. Capturado em 22/02/2005.

RUA, João. Urbanidades e novas ruralidades no estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. In: MARAFON, G. J.; RIBEIRO, M.F. (org.). **Estudos de geografia fluminense**. Rio de Janeiro: Infobook, 2002, p.27-42.

SACCO DOS ANJOS, Flávio. Pluriatividade e ruralidade: contradições, enigmas e falsos dilemas. CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 40, 2002, Passo Fundo, **Anais**, Passo Fundo: SOBER, 2002 (CD ROM).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascente do rio São Francisco**. São Paulo: Itatiaia, [s.d.].

SARACENO, Elena. **O conceito de ruralidade**: problemas de definição em escala europeia. Tradução de Angela Kageyama. Roma: CRES Udine. 1996. (Programa de Seminários INEA – Desenvolvimento nas áreas rurais: métodos de análise e políticas de intervenção).

SCHNEIDER, Sérgio. Agricultura familiar e pluriatividade. In: \_\_\_\_\_. **Agricultura familiar e industrialização**: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p.177-190.

VARGAS, M.A.M. **Desenvolvimento regional em questão**: o baixo São Francisco revisitado. Aracaju: UFS/NPGEO, 1999.